citarem fatos que viveram na infância e deixaram marcas. A maioria deles se lembra de algum professor, que o incentivou em algo que foi relevante em sua trajetória. Diante disso, como professora em exercício e em constante formação, percebo a indubitável responsabilidade de trabalhar com afinco para criar memórias afetivas e que contribuam perpetuamente na vida dos educandos. Nesse contexto, a leitura é algo especial, que tem potencialidade para o desenvolvimento cognitivo, além da formação de cidadãos atentos à realidade que os cerca.
Dado o exposto na pesquisa, fica evidenciado que trabalhar a literatura na educação infantil pode, para além das muitas habilidades adquiridas, transformar a história de vida de muitos alunos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, João Alexandre. Literatura nunca é apenas literatura. Série Ideias
n.17. São Paulo: FDE, 1994.
CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. Remate de Males: Revista do Departamento de Teoria Literária, São Paulo, n. esp., p. 81-89, 1999.
CORTELLA, Mario Sergio. Nós e a escola: agonias e alegrias. Petrópolis: Vozes, 2018.
FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
PETIT, Michèle. Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.
PILETTI, Nelson. Aprendizagem: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2013.
CATONIO, Angela Cristina Dias do Rego; MUNIZ, Marielle Rizzo. O lúdico como estímulo à leitura e à escrita: um estudo sobre o projeto de extensão Almanaque. Revista Diálogos: Extensão e Aprendizagem: tempos e espaços, Brasília, v.19, n.1, dez 2014.
BOLOGNESI, Priscila Maria Sbizera. Rodas de leitura na escola: do envolvimento dos alunos aos processos de reflexão. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Psicologia e Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2012. Disponível em: < https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-05062012- 115930/publico/PRISCILA_MARIA_SBIZERA_BOLOGNESI.pdf >. Acesso em
04/01/2021.
KAERCHER, Gládis Elise Pereira da Silva. Literatura infantil e Educação infantil: Um grande encontro. São Paulo: Acervo Digital da Unesp, 2011. Disponível em:
<https://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/453>. Acesso em 08/01/2021.
REVOREDO, Mariana. Mediadores de leitura: a participação da família na formação de leitores – um estudo de caso em Presidente Prudente/SP. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2010. Disponível em:
<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/92293>. Acesso em 11/01/2021.
SILVA, Fabiana Fernandes. A vivência lúdica na prática da educação infantil: dificuldades e possibilidades expressas no corpo da professora. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação - Processos Socioeducativos e Práticas Escolares) – Universidade Federal de São João del-Rei, 2011. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2- repositorio/File/mestradoeducacao/Dissertacao%20Fabiana%20Fernandes%20da% 20Silva.pdf>. Acesso em 12/01/2021.
POLETTO, Raquel Conte. A ludicidade da criança e sua relação com o contexto familiar. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 1, p. 67-75, jan./abr. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pe/v10n1/v10n1a08.pdf>. Acesso em: 14/01/2021.

O TRABALHO DO PROFESSOR COM AS ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

SIMONE OLIVEIRA MARQUES

RESUMO
Sabe-se que as artes possibilitam o desenvolvimento cognitivo, emocional e social do indivíduo, o que justifica a necessidade de estar associada ao contexto escolar. Dentre as inúmeras possibilidades de trabalhar com as artes na escolarização destaca-se a exploração do saber artístico a partir da criação, sensibilização e percepção, visto que coloca o aluno como autor de sua própria aprendizagem e tal processo torna-se dinâmico, criativo e prazeroso. Neste sentido, o presente estudo tem como objetivo explorar as diferentes linguagens artísticas no desenvolvimento infantil. Para isso foram realizadas pesquisas em livros e artigos científicos nas bases de dados como Scielo e Google Acadêmico. O desenvolvimento do estudo possibilitou evidenciar que as artes transcendem qualquer disciplina e até mesmo o ambiente escolar, sendo útil para a formação do aluno enquanto cidadão, uma vez que auxilia no autoconhecimento, expressão, socialização, criticidade, onde diferentes linguagens podem e devem

ser trabalhadas através das músicas, danças, esculturas, criação de brinquedos, desenhos e pinturas, permitindo que o desenvolvimento e evolução da criança, por si só, se transforme em uma grande arte.

PALAVRAS-CHAVE: Artes; Desenvolvimento Infantil; Potencial criador.

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais é comum acompanhar inúmeros fóruns educacionais mostrando novas perspectivas para a fase de escolarização, que vão de encontro com os reais objetivos da escola, ou seja, tornar o aluno sujeito autônomo e com seu potencial plenamente explorado.

A partir desta evolução, pode-se observar que as novas propostas de ensino buscam tornar os alunos mais ativos no processo de ensino aprendizagem, o que significa maior participação nas atividades, seja pela possibilidade de observação, exploração, manifestação e criação.

É válido ressaltar que dentre as propostas que torne o aluno sujeito ativo na aprendizagem e descentralize o papel do professor, destacam-se as atividades artísticas, onde o professor assume a postura mediadora, criando um ambiente propício à aprendizagem e desenvolvimento integral da criança, visto que explora diversos aspectos do seu desenvolvimento.

Neste sentido, a presente pesquisa tem como objetivo explorar as diferentes linguagens artísticas como instrumentos de desenvolvimento da criança no início da escolarização.

O estudo justifica-se em razão da necessidade de evidenciar as Artes como elementos essenciais para trabalhar alinhado às novas propostas de ensino. O aluno que é contemplado pelo saber artístico possui seu potencial plenamente desenvolvido considerando que se o explora internamente, ou seja, auxilia na expressão de suas emoções, relação com o mundo, sentimentos, e a partir deste autoconhecimento, passa a se relacionar com mais domínio com o seu grupo, seja escolar, familiar e/ou todo rearranjo social, formando conexões essenciais para viver em sociedade.

Assim, trabalhando adequadamente as Artes, o aluno transcende os muros da escola e usa de toda a sua sensibilidade artística para conduzir a sua vida com maior plenitude.

Embora seja reconhecido que a linguagem lúdica das atividades artísticas sejam elementos aliados e essenciais para a formação integral da criança, é preciso explorar inúmeras possibilidades para que este campo seja ilimitado, com inúmeras possibilidades de atividades. E mais do que isto, o professor tenha domínio da educação artística e consiga criar um ambiente propicio para aprendizagem, possibilitando a exploração, criação e construção de saberes.

Trata-se de um estudo bibliográfico, através de livros, artigos científicos e publicações online, reunindo renomados autores da área.

DESENVOLVIMENTO

O POTENCIAL CRIADOR DA CRIANÇA

Ostrower (2014) afirma que o homem é um ser formador e capaz de relacionar múltiplos eventos que ocorrem ao seu redor e internamente, buscando sempre significá-los e ordená-los. Essa busca reside a profunda motivação humana de criar. “O homem cria, não apenas porque quer, ou porque gosta, e sim porque precisa; ele só pode crescer, enquanto ser humano, coerentemente, ordenando, dando forma, criando.” (p.10).

Mudei minha opinião sobre a natureza do conhecimento ao observar as crianças. Elas fingem ao tempo todo. Em qualquer pré-escola, somos cercados de princesas e super-heróis. A garotada vive mais em mundos imaginários do que no mundo real. Para os seres humanos, a vantagem evolutiva realmente importante é a habilidade de criar novos mundos. Olhe ao redor. Todos os objetos (a mesa de ângulo reto, o livro, o papel, a tela do computador, a xícara de cerâmica) já foram imaginários. Cada um começou com a fantasia de alguém [...] (GOPNIK, 2008, p. 74).

Para Vygotsky (2009) a imaginação é a base de toda atividade criadora presente em todos os campos da vida cultural, artística, científica e técnica. “Nesse sentido, necessariamente, tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo na natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia” (p.14).

A criatividade apresenta-se como uma engrenagem indispensável que faz com que a humanidade caminhe para frente. A formação em Design Gráfico justifica a fascinação pela área da criação, visto que através da imaginação pode-se transformar em algo físico, útil para o dia-a-dia, com determinado objetivo ou até mesmo pelo bem estar e fruição.

Dessa forma, parte-se do pressuposto que todo o homem tem a capacidade de imaginar e, como consequência, criar. A criação está intrinsecamente ligada à imaginação, e ambos inerentes ao ser humano. Mas porque algumas pessoas demostram ser mais criativas do que outros?

Vygotsky (2009, p.45) afirma que “[...] ao longo do processo de desenvolvimento da criança, desenvolve-se também a sua imaginação, que atinge sua maturidade somente na vida adulta”. A imaginação não é algo insignificante, um efeito colateral do viver,

visto que tem sua importância inegável na construção da subjetividade do indivíduo, e este vêm sendo construindo desde a sua primeira infância.

Para Vygotsky (2009) a imaginação é um princípio fundamental na construção do ser humano intrinsecamente associado à atividade criadora do homem. Atividade no qual fornece, com exclusividade, um forte elemento diferenciador dos seres humanos em relação aos outros animais. "[...] É exatamente a atividade criadora que faz do homem um ser que se volta para o futuro, erigi-o e modificando seu presente" (p. 14).

Atividade criadora do homem é termo que o referido autor utiliza para toda a realização humana geradora do novo, seja ele resultado de algum objeto do mundo exterior ou de concepções da mente e do sentir, que se manifestam e vivem na própria pessoa. Para ele e outros estudiosos com Carvalho (2011), esta atividade criadora está dividida por duas funções principais.

Uma delas é a função reconstituidor ou reprodutivo. Esta função está atada à memória, isto é, quando se reproduz mais ou menos com precisão algo que existe diante de nós ou impressões já assimiladas anteriormente, nada se cria de diferente, é apenas uma reprodução da realidade constituída de ideias feitas e acabadas.

De acordo com Carvalho (2011), os filósofos Kant e Hegel acreditam que pode-se associar esta função de forma relevante à construção do conhecimento, desde que mantida sobre o controle do entendimento.

"É fácil compreender a enorme significado da conservação da experiência anterior para a vida do homem, o quanto ela facilita sua adaptação ao mundo que o cerca, ao criar e elaborar hábitos permanentes que se repetem em condições iguais" (Vygotsky, 2009, p. 12). Ou seja, esta função reprodutora é o responsável pelo aprendizado cotidiano passado de geração em geração, de momento a momento, ele conserva nossas experiências anteriores e facilita em sua reprodução. Sem esta função todos os hábitos rotineiros teriam que ser assimilados diariamente dificultando assim nosso viver.

Isso se deve, segundo Vygotsy (2009), a plasticidade da substância nervosa do cérebro, que permite modificação com facilidade e conserva as marcas desta alteração, criando trilhas a se seguir.

Mas se for reproduzido somente hábitos, como em um loop infinito, onde introduzir o termo transformação? Segundo Vygotsky (2009) se a atividade criadora do homem baseasse somente na reprodução do ontem, sua adaptação do futuro seria apenas consequência do reflexo do já vivenciado, e todas as modificações inesperadas em seu cotidiano, ainda não vivenciadas em uma experiência anterior, não poderiam provocar uma reação necessária para uma nova adaptação. Aí que entra a outra função, a criadora ou combinatória, atividade no qual o presente estudo tem como foco principal.

Ostrower (2014) afirma que o homem é mais do que um ser fazedor, é um ser formador. Logo, o homem tem a capacidade de buscar e relacionar os múltiplos eventos que ocorrem em ao seu redor e no seu interior (observando as coisas ao seu redor, notando as sensações proporcionadas pelos sentidos, recorrendo à memória, sendo guiado por sentimentos...), ordenhando e, criando assim, um significado para suas experiências do viver. E "nessa busca de ordenações e significados reside à profunda motivação humano do criar" (p.9).

Assim sendo, seguindo o raciocínio de Vygotsky (2009), o nosso cérebro não se contenta somente em conservar e reproduzir, ele também combina e reelaboram elementos nossas experiências anteriores buscando arquitetar novas situações e comportamentos, modificando assim sua história. Toda a atividade do homem que saia da trilha da reprodução de ações ou impressões já assimiladas, que tem como resultado a criação de novas imagens ou ações, que projetando a ação humana para o futuro, pertencem a esta função criadora. Função a qual, segundo ele, a psicologia vem nomeá-la como imaginação criadora.

Ribolt (apud Vygotsky, 2009, p.14) afirma que "qualquer invenção, grandiosa ou pequena, antes de firmar-se, de realizar-se de fato, manteve-se íntegra como construção erigida da mente, por meios de novas combinações ou correlações, apenas pela imaginação". Em outras palavras, toda invenção elaborada pela humanidade uma vez antes de se materializada, colocado em prática, teve como início a imaginação de seu criador.

Vygotsky (2014) sustenta que todos os objetos da vida cotidiana criado pelo homem, sem exceção, são imaginações cristalizadas. Portanto, o referido autor afirma que o dom criação não pertence somente aos grandes gênios, inventores, cientistas e artistas que tem suas criações marcadas nas páginas da história da humanidade.

Como Salientou Ribolt (apud Vygotsky, 2014, p.15), a criação está mais para uma regra do que para uma exceção. Ela existe por toda parte em que o homem imagina, combina e cria algo de novo, ela é a condição necessária da existência, "e tudo que ultrapassa os limites da rotina, mesmo que tenha somente uma pequeníssima parcela de novidade, deve-se ao processo criativo humano" (VyGOTSKY, 2014 p.5).

Vygotsky (2004) associa esta articulação do processo mental superior, a imaginação criadora, com a realidade e aponta formas desta ligação, imaginação criadora-realidade. Ele aponta como a imaginação se apoia nas experiências – qualquer imagem

mental, por mais irreal que pareça, é elaborada partir da combinação de materiais captados do mundo real. Como por exemplo, a figura mitológica de sereia, inexistente na vida real, mas uma junção de duas figuras conhecidas por todo: o peixe e a mulher.

Como a experiência se apoia a imaginação – o uso da imaginação para criar um quadro da experiência histórica ou social alheias, esta, uma condição absolutamente necessária de quase toda atividade intelectual do homem para ampliação de experiências, pois assim ele pode imaginar o que não viu e o que não vivenciou pessoalmente.

Como a emoção afeta a imaginação e a imaginação provoca emoção – "Há muito os psicólogos notaram o fato de que qualquer sentimento não tem apenas uma expressão externa, corporal, mas também uma interna, que se reflete nas seleções de ideias, imagens e impressões." (p.26). Para os psicólogos, segundo autor, denominam essa influência do emocional com a imaginação de signo emocional comum. Por fim, aponta que a imaginação pode criar o novo, sem nenhuma correspondência com a realidade:

a sua essência consiste em que a construção da fantasia pode ser algo completamente novo, que nunca aconteceu na experiência de uma pessoa e sem nenhuma correspondência com algum objeto de fato existente; no entanto, ao ser externamente encarnada, ao adquirir uma concretude material, essa imaginação cristalizada, que se fez o objeto, começa a existir realmente no mundo e a influir sobre outras coisas. (p.29)

Entendendo a imaginação criadora desta forma tão complexa, Vigotski (2009) ressalta que ela não surge como um passe de mágica, mas sim em um processo lento e gradual, desenvolvendo-se a princípio por formas simples e tendo sua complexidade aumentada conforme o tempo. E isso se deve diretamente ao acúmulo de experiência, ou seja, as criações mais fantásticas são nada mais, nada menos que a modificação ou a reelaboração de elementos absorvidos da realidade.

Ostrower (2014) levanta três fatos para a capacidade exclusiva do ser humano para o criar, para ser um ser capaz realizar constantes transformações: o fato de ele ser consciente, sensível e cultural.

Para a autora, todo ser vivo é portador da sensibilidade, é capaz de receber, reconhecer e reagir a estímulos para o propósito da sobrevivência. Mesmo que em diferentes níveis, todos os seres nascem com esse potencial de sensibilidade que nos ajuda a conectar ao mundo que nos cerca. A sensibilidade a qual ela se refere é o que chamamos de percepções. "A percepção delimita o que somos capazes de sentir e compreender, porquanto corresponde a uma ordenação seletiva dos estímulos e cria uma barreira entre o que percebemos e o que não percebemos [...]" (p. 13).

E assim, ao se tornar um ser consciente de sua existência individual e social, o homem é capaz de indagar, de perceber e agir.

O modo de sentir e pensar os fenômenos, o próprio modo de sentir-se e pensar-se, de vivenciar as aspirações, os possíveis êxitos e eventuais insucessos, tudo se molda segundo ideias e hábitos particulares ao contexto social em que se desenvolve o indivíduo (OSTROWER, 2014. p.16)

De acordo com o autor, todo o homem por natureza biológica é um ser consciente e sensível, porém o desenvolvimento desta natureza se deve a fato de ocorrer sempre e unicamente dentro de formas culturais, uma vez que seu comportamento é moldado pelas influências do meio em vive, pela cultura que o cerca.

Ostrower (2014) afirma que "a natureza criadora do homem se elabora no contexto cultural. Todo indivíduo se desenvolve em uma realidade social, em cujas necessidades e valorizações culturais se moldam os próprios valores de vida" (p.5). Lembrando que a cultura está sempre em movimento, ela é transmitida de pessoa a pessoa, mas também assume várias formas que se alteram com maior rapidez, ela se acumula, diversifica-se, ou até pode ser extinta. E por sermos seres individuais, atuamos em termos individuais, cada um tem sua própria visão de sua cultura, mas não deixamos de ser um agregado de relações sociais.

Ostrower (2014) define a cultura como formas espirituais e materiais no qual os indivíduos em grupo convivem, onde eles atuam e se comunicam e cujas experiências podem ser passadas para a diante. De acordo com Coon (apud Ostrower, 2014, p. 35) ''no homem, a biologia tornou-se inseparável da cultura, uma vez que nossos ancestrais começaram a usar ferramentas. "A partir de então, a seleção natural favoreceu aqueles que puderam usar a cultura em seu melhor benefício".

Assim sendo, conforme Smolka (apud Vygotsky, 2014) o desenvolvimento da imaginação criadora na criança encontra-se intricadamente relaciona à apropriação de cultura. Quanto mais rica e diversificada sua experiência anterior, mais elementos de apoio ela terá para sua imaginação.

Vygotsky (2007, 2009) evidencia que a imaginação criadora vem a se manifestar com toda a sua força já no começo da infância, segundo ele, por volta dos três anos de idade – onde ele começa ter uma atividade consciente e liberdade impostas pelas restrições do ambiente.

Assim, experimenta a tensão entre os desejos e conseguindo transformá-los em ação, onde a imagi-

nação criadora das crianças preenche seus desejos do imediatismo para satisfazê-las, sendo facilmente identificada em suas brincadeiras, em sua reelaboração criativa de suas experiências vivenciadas, a fim de construir uma nova realidade que reponde a seus anseios e aspirações.

Para o Vygotsky (2007), para resolver a tensão dos desejos que não podem ser satisfeitos de imediato ou esquecidos, a criança envolve-se em um mundo ilusório e imaginário onde esses desejos podem ser realizados e assim satisfazê-lo.

A imaginação em crianças pequenas é um processo psicológico novo e, assim, como todas as funções da consciência, surge originalmente da ação. Em uma situação imaginária ensina a criança a guiar seu comportamento não somente pelo modo que a afeta de imediato ou pela percepção imediata dos objetos, mas também pelo significado deste acontecimento.

A criança, ao querer, realiza seus desejos. Ao pensar, ela age. As ações internas e externas são inseparáveis: a imaginação, a interpretação e a vontade são processos internos conduzidos pela ação externa. O que foi dito sobre a separação do significado dos objetos aplica-se igualmente às próprias ações da criança. Uma criança que bate com os pés no chão e imagina-se cavalgando um cavalo, inverteu, por conseguinte, a razão: ação/significado para a razão: significado/ação.(VYGOTSKI, 2007, p. 119).

Para isso, elas usam como elementos de apoio as experiências adquiridas do mundo cultural e de percepções em que estão inseridas, tudo o que elas veem e ouvem servem como material de apoio para a criação. Material este é acumulado, associado e fragmentado, – sendo que estes fragmentos tendem a destacar-se, conservar-se ou até mesmos serem esquecidos – para que desde modo, elas possam reunir diferentes elementos para elaborar uma complexa estrutura no qual resulta a imaginação.

“Nas crianças, a criatividade se manifesta em todo seu fazer solto, difuso, espontâneo, imaginativo, no brincar, no sonhar, no associar, no simbolizar, no fingir da realidade e que no fundo não é senão o real. Criar é viver, para a criança”. (OSTROWER, 2014, p.127)

Seguindo esse raciocínio apresentado anteriormente, de que quanto mais experiências mais base para imaginação teremos, porque a imaginação criadora aparenta ser mais rica nas crianças do que nos adultos, que notoriamente possui mais materiais para a construção do criar?

Segundo Vygotsky (2009) esta impressão se dá ao fato de que a crianças confia mais nos produtos de sua imaginação e os controla menos, a imaginação tem mais liberdade para o seu agir. Conforme o tempo passa, a imaginação vai adaptando-se às condições racionais, ou seja, ela deixa de ser pura imaginação, e sim mista. A partir desta fusão com o racional, a imaginação criativa começa entrar em declínio e a maioria das pessoas – com exceção das mentes mais férteis – começa um processo de regressão da imaginação criadora, não o aniquilando, mas transformando-o em casualidade. Ou seja, ao passo que estas condições racionais, “padrões expressivos vigentes em um determinado contexto social” (OWSTROWER, 2014, p. 129) vão sendo adicionado na vida do ser humano, ele vai perdendo a capacidade de imaginar livremente e começa ser mais críticas em relação a si e aos outros.

Owstrower (2014) afirma que “a criatividade infantil é uma semente que contém em si tudo o que o adulto vai realizar” (p. 130). Para a autora, o adulto criativo age conscientemente e intencionalmente, podendo mudar o mundo físico e psíquico e até transformar os referenciais da cultura que atribuem sua ação.

Já o criar da criança está em todo seu viver e agir, é uma forma de contato com o mundo em que a ela muda a si mesma em função da necessidade do seu próprio crescimento e da busca de suas realizações, e mesmo que incontinentemente acaba influenciando o ambiente que a cerca.

Assim sendo, Corsaro (2011, p.25) destaca a importância que Vygostsky levanta sobre este papel ativo da criança no desenvolvimento humano, sendo que este desenvolvimento é sempre resultante de suas ações coletivas que ocorrem na sociedade. Segundo o autor, as crianças não se contentam somente com que lhe ensinado, em reproduzir e internalizar, elas também apropriam, selecionam, reinventam e modificam criativamente as informações.

Ou seja, elas interpretam suas vivências – uma vez que só pode interpretar aquilo que já conhecido – e vão criando novos significados, alterando assim uma linha de raciocínio, inovando, fazendo diferente e assim, alterando o que lhe é apresentado e recriando a suas realidades, independente de limitações impostas pelas deficiências.

EXPLORANDO AS ARTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Sabe-se que o processo de escolarização desenvolve novas experiências, sensações, conhecimentos, valores, habilidades e autonomia, oferecendo a base para o desenvolvimento pleno do aluno a longo prazo, representando a transposição da dependência para a independência (OSTETTO, 2012).

Tratando da educação infantil, sobretudo, são necessárias propostas de ensino que visem a socialização, afeto, estímulo e ampliação da linguagem, raciocínio, memória, e potencialidades individuais (SANS, 2002).

Dessa forma, pensando no ensino de Artes na educação infantil, destaca-se a oportunidade de ampliação do conhecimento, habilidades e descoberta de novas potencialidades. Assim, através da arte a criança expressa sentimentos, medos, angústias, sonhos, frustrações, entre outros. E por isso, é fundamental no desenvolvimento cognitivo e emocional, sendo de suma importância que o professor encontre meios que usá-la como recurso pedagógico para auxiliar na manifestação e comunicação com o mundo (OSTETTO, 2012).

Dentre os instrumentos efetivos para trabalhar com Artes na Educação infantil, destaca-se a pintura e desenho, pois auxilia muito no desenvolvimento da expressão, minimizando as dificuldades cognitivas, físicas além de promover a socialização, tornando o indivíduo sensível aos fenômenos musicais (SANS, 2002).

A necessidade de expressar sentimentos e emoções nos acompanha ao longo de toda a vida. No entanto, o que muda é a maneira como somos capazes de nos expressar. Sendo assim, uma das formas de expressão do universo infantil é o desenho. É válido ressaltar que a criança não é capaz de distinguir entre a realidade visual e emocional, então suas representações gráficas possuem muito valor pois indicam muitos significados (SANS, 2002).

De acordo com Moreira (2012), o desenho é caracterizado pelo conjunto de atividades humanas que culminam na criação e fabricação concreta, em materiais diversos, de um mundo completamente figurativo.

Sans (2002), conceitua o desenho como uma representação gráfica, de formas, podendo ser colorida ou não. Já Ferreira (2011), destaca o desenho como ‘’ representação de formas sobre uma superfície, por meio de linhas, pontos, manchas ou ainda, uma arte técnica de representar, com lápis, pincel etc. um tema real ou imaginário expressando a forma’’.

Já a pintura, é caracterizada por uma técnica que utiliza de pigmentos para colorir uma superfície, seja tela ou papel, podendo resultar em uma arte abstrata ou não (SANS, 2002).

De acordo com Moreira (2012), com tais definições, nota-se que é um processo que envolve todas as potencialidades de quem está desenhando, sendo estas, físicas, emocionais e cognitivas.

À medida que a criança desenha ou pinta, apropria-se de novos conhecimentos e saberes históricos, culturais e sociais, já que a criança entende o desenho como o ato de brincar. Dessa forma, são desenvolvidas potencialidades cognitivas e emocionais, pois revelam conceitos e valores de transformação do invisível para visível (FERREIRA, 2011).

O referido autor complementa:

A importância da atividade do desenho e pintura para a criança pequena está em permitir a ela a possibilidade de expressar a aprendizagem já adquirida, revelando seus pensamentos, sentimentos e expectativas, bem como em abrir espaço para a construção de novos saberes através da mediação com outras crianças ou um sujeito mais experiente (FERREIRA, 2011, p. 43).

Tanto o desenho como a pintura trabalha de acordo com a proposta pedagógica da educação, que proporciona saberes artísticos e culturais. Além disso, através destas produções, a criança tem a oportunidade de se comunicar com o outro e expressar a concepção que tem do mundo, devendo ser apreciado como uma narrativa por quem vê o resultado final.

Porcher (1982, p. 21), faz as seguintes considerações sobre o assunto: ‘Desenhar e pintar representam atos de Inteligência. Para a criança, representa uma das maneiras fundamentais de apropriar-se do mundo’’.

Oliveira (2000) mostra que no âmbito sócio histórico, o desenvolvimento gráfico da criança ocorre por um processo envolvendo história, cultura e a sociedade, estando diretamente ligado ao desenvolvimento social, físico e afetivo, emocional e intelectual daquele que desenha.

Luquet (1981) afirma que a evolução do desenho compartilha o processo de desenvolvimento, e passa por etapas que caracterizam a forma como a criança se situa no mundo. Essa evolução é nomeada por níveis, que podem ser vistos abaixo:

- Realismo Fortuito: Sendo involuntário e voluntário. No primeiro, a criança não possui consciência de que suas linhas podem formar um objeto. O segundo, há uma intenção que pode não coincidir com o resultado final e assim a criança faz a interpretação de acordo com o que encontra semelhança. Esta fase predomina até o segundo ano de vida aproximadamente;
- Realismo Falhado: A criança desenha suas ideias omitindo ou exagerando partes do objeto, dando-lhes a devida importância. Nesta fase, a criança representa o meio em que está inserida, e compreende a faixa dos dois aos cinco anos;
- Realismo intelectual: A criança representa todo o conhecimento que possui acerca do objeto, e utiliza do recurso de transparência para representar seu objetivo. Desta forma, caso queira desenhar uma casa, ela desenhará os objetos que estão dentro, como por exemplo os móveis, ignorando o fato de existir paredes. Ou no caso do corpo humano, desenhará os órgãos internos também;

Sans (1987 p.5) afirma que as produções das crianças muitas vezes são desvalorizados, desmerecendo assim o desenvolvimento da expectativa de uma representação quase perfeita ou bem próxima da

realidade. Assim, observa-se uma substituição do processo de desenhar por aqueles já prontos, para a criança somente colorir. Obviamente a pintura é extremamente importante por explorar a criatividade e capacidade de criação, mas neste caso, há uma inversão onde o processo não é valorizado, e sim o resultado fica, sendo este, perfeito e belo aos olhos dos adultos.

No âmbito escolar, Oliveira (2000) mostra que quando a criança está em idade escolar, há uma significativa queda na produção dos desenhos e pinturas abstratas, pois estes acabam sendo substituídos pelos traços da escrita.

Não desmerecendo a necessidade deste novo aprendizado, visto que a criança descobre mais uma possibilidade gráfica, porém a riqueza do processo de desenhar precisa ser valorizada nos ambientes educacionais.

Neste contexto, para Oliveira (2000) a exclusão da prática do desenho e pinturas, está relacionada ao desejo dos próprios pais, pois estes valorizam a escola como sendo boa à medida que ela é capaz de alfabetizar rapidamente suas crianças.

Dessa forma, há uma valorização social da escrita, que faz com que as escolas troquem as atividades envolvendo desenho por outras mimeografadas, contendo exercícios repetitivos e mecânicos, mas que mostrem aos pais que as crianças estiveram em um longo período de tempo estudando.

Assim, por uma pressão social, a criança deixa de lado a sua forma de expressão, para seguir um padrão escolar imposto, que não necessariamente é o mais eficaz. Porém, há a necessidade do respeito a prática do desenho infantil não só pelo espaço de liberdade de expressão ao aluno, como também pela sua condição de linguagem (SANS, 1987 p.5)

Oliveira (2009) evidencia que toda produção artística é uma importante ferramenta de avaliação, pois representa tais vínculos, mostrando os segredos existentes no inconsciente de quem desenha ou pinta.

Outra abordagem pedagógica interessante para explorar diferentes linguagens artísticas se dá através dos materiais recicláveis, permitindo um trabalho interdisciplinar.

Sabe-se que reciclar representa uma forma efetiva de evitar danos ao meio ambiente. No entanto, o universo das Artes evidencia que estes materiais apresentam-se como terreno fértil a imaginação, exploração e criação.

Conforme afirma Cunha (2012), '' aproveitar materiais que antes seriam descartados, é verificar uma nova possibilidade de inovar, recriar e aperfeiçoar técnicas, transmitindo uma consciência crítica e aplicável socialmente''.

Neste sentido, é importante afirmar também que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) afirma que a capacidade crítica através da consciência ambiental deve ser inclusa na fase de escolarização.

''A construção do brinquedo com a utilização de material reciclável, em ambiente escolar, pode exercer mais que a função proposta, que é de divertir e proporcionar momentos agradáveis, pode, também, apresentar um caráter de elo entre professores, alunos e comunidade'' (CUNHA, 2012, p. 23).

Segundo Lobo (1986) deve-se perceber que naturalmente o ser humano é criativo em sua natureza, tem a capacidade de criar coisas a sua volta e de se autoconstruir, se descobrindo e se conhecendo. Com a criança não é diferente, e no caso, quando ela cria um brinquedo o transforma à sua maneira e desejo ao contrário do brinquedo que já se movimenta sozinho, já vem pronto.

As atividades com brinquedos prontos acabam se tornando limitadas e logo sem graça, pois a criança que brinca deve seguir a função na qual o brinquedo foi feito ao exemplo de bonecas que bebem água e fazem xixi.

Para Lobo (1986), o brinquedo que a criança cria ou monta de outras peças que não foram acabadas vão estimular sua imaginação e principalmente o interesse pela brincadeira, pois está livre para ser manipulado ao desejo da criança.

Este desejo e essa criatividade não devem ser limitadas ou censuradas. Quando a criança usa um brinquedo de uma determinada função em outra brincadeira ou brinca com objetos que muitas vezes não são considerados coisas para se brincar como, por exemplo: tampinhas, sucata, terra, etc.

Não deve-se negá-la ao direito de brincar com estes objetos, pois “com liberdade e estímulo para usar, manipular, recriar, dar um sentido novo a tudo o que a cerca, a criança entende e aprende melhor, desenvolve mais sua inteligência e o saber artístico. ” (LOBO, 1986, p.55)

Segundo Lobo (1986), mais importante que colocar limites em objetos que os adultos consideram arriscados, o adulto deve demonstrar que:

Evidentemente há coisas com as quais não pode brincar e que precisa ter limites. Mas podemos colocar esses limites com clareza, jamais dizendo “Isso não é brinquedo”. Sempre que a impedimos de brincar com alguma coisa que julgamos perigosa ou imprópria, devemos a ela uma explicação melhor que essa (LOBO, 1986, p.55).

O brinquedo em algumas regiões do Brasil no caso da região amazônica não é comprado, mas é feito pelas próprias crianças que, tem total liberdade de buscar o seu material na natureza, manipulam e constroem o que desejam de forma totalmente artesanal, usando de madeira, pedras, folhas, areia, etc.

Isto demonstra que essas crianças tem um grande conhecimento de sua cultura e comunidade usando assim, de todo o material disponível que encontram. Assim, o ato de brincar deve ser valorizado como uma atividade livre, bem como uma manifestação artística e espontânea, devendo-se reconhecer esse valor na área da educação, como atividade fundamental para o desenvolvimento, pois a criança que não explora os saberes artísticos não desenvolverá conhecimentos importantes de si mesma e da sociedade e cultura em que vive o que com certeza trará prejuízos limitações e dificuldades em sua vida adulta.

O TRABALHO DO PROFESSOR FRENTE AS ARTES VISUAIS

Após compreender a importância da criação para estimular o saber artístico e garantir o desenvolvimento pleno das crianças, é necessário ressaltar que o professor de Artes deve atuar como mediador entre o objeto de estudo e o seu público alvo, ou seja, os alunos, oferecendo ferramentas necessárias para seu desenvolvimento, sem torna-lo um mero receptor de conteúdo.
No entanto, é comum verificar profissionais que atuam de forma completamente centralizadora, ou seja, acreditam que o professor é detentor de todo o saber, e oferecem uma participação mínima do aluno no processo de ensino aprendizagem.
Na prática, isto representa o ensino tradicional, mecanicista, marcado por poucas trocas, e muita passividade por parte do aluno. Dessa forma, o professor transmite, e o aluno apenas acata os seus dizeres
Conforme cita Maluf (2003), há uma nova proposta de ensino aprendizagem, que enfatiza a necessidade de uma formação profissional mais ampla, baseado no construtivismo, que faz do aluno ativo na aquisição de saberes, e o professor mediador entre o objeto de estudo e aluno.
Na prática, isto não significa que o professor tenha menos importância, muito pelo contrário, a sua formação precisa ser muito ampla para que ele compreenda a importância de formar o aluno autônomo, bem como passe a ter um novo olhar sobre as brincadeiras, e principalmente, saiba conduzir e intervir de forma adequada.
Fontana (2000), apresenta algumas definições a respeito da mediação, mostrando que ser mediador é se posicionar entre o ensino e a aprendizagem, sem dar respostas prontos, mas viabilizando caminhos para que os alunos as encontrem.
Neste contexto, percebe-se que o professor que atua como mediador, desenvolve um trabalho colaborativo para o exercício da autonomia, ampliando a participação das crianças nas atividades e tornando as aulas mais dinâmicas, além de capacitá-las ao exercício pleno de cidadania.
Ainda de acordo com Fontana (2000, p. 65), a mediação terá sucesso quando o professor:

- Interagir com a criança, e não a coagir;
- Interagir com a criança procurando compreender seu mundo e o modo de ela vivenciá-lo; para isso, é preciso entender o universo dela e o processo que está em andamento;
- Considerando o conhecimento de mundo que a criança traz, valorizá-la, estimulá-la e proporcionar-lhe outros conhecimentos e outras leituras;
- Estimular a reflexão e a busca de respostas;
- Usar o “erro” da criança para buscar o “acerto”;
- Não ignorar nem desrespeitar as várias formas dialetais utilizadas pelos alunos. Ao contrário, num clima de respeito, desde a Educação Infantil, encorajar todas as crianças a falar, a escrever e a ler como sabem;
- Der voz à criança e orientá-la a respeitar a fala dos outros.

A importância da atuação do professor como mediador, como um elemento intermediário, externo: uma “ferramenta auxiliar da atividade humana” (OLIVEIRA, 1993, p. 27).
Oliveira (1993) cita Vygotsky para falar sobre mediação, mostrando que esta consiste em uma intervenção, baseada no processo de estímulo-resposta, em que a relação deixa de ser direta e passa a receber intervenção de um elemento externo. Assim, o professor se posiciona entre a criança e o objeto de estudo, visando o seu desenvolvimento.
A intervenção pedagógica provoca avanços que não ocorreriam espontaneamente, a importância da intervenção deliberada de um indivíduo sobre outros como forma de promover desenvolvimento articula-se com um postulado básico de Vygotsky: a aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento desde o nascimento da criança. A aprendizagem desperta processos internos de desenvolvimento que só podem ocorrer quando o indivíduo interage com outras pessoas (OLIVEIRA, 1993, p. 33).

De acordo com Brougère (1998), a mediação não acontece somente quando o professor faz algum tipo de interferência na atividade realizada pela criança, e sim a partir do momento em que passa a organizar o espaço, os objetos de estudo, horários, além de sua presença no momento da atividade. Com isso, percebe-se que o professor mediador é capaz de construir um ambiente propicio para a aprendizagem.
Dessa forma, não há uma receita, pois, o professor

pode levar a criança de encontro com o conhecimento de diversas formas. Ao exemplificar usando a construção de brinquedos, o professor deve ‘’abraçar’’ a ideia de criação da criança e ajudá-la no que for necessário, como por exemplo, recortar materiais mais resistentes, usar cola quente, deixando-a fora de riscos e oferecendo suporte em sua criação.
Vasconcelos (1998), mostra que há também o ensino artístico através do lúdico pode acontecer com objetivos pré-estabelecidos, como por exemplo, através de uma aula destinada a criar determinado brinquedo, onde a professora tem participação em toda a atividade, desde a programação, organização do ambiente e execução, oferecendo um passo a passo de como a criança deve atuar para alcançar os objetivos.
Outro fator importante a ressaltar é que a mediação deve estar presente mesmo quando o professor oferece um ambiente livre para a criação, pois ao preparar a sala de aula e disponibilizar os materiais recicláveis, já é uma forma de mediar, considerando que há um rearranjo do ambiente para que a aprendizagem ocorra, onde o professor utiliza de seus saberes artísticos para levar a criança de encontro ao objeto de estudo.
Bougère (1998), acredita que independente da aula e da criação que será feita, quando há a mediação da professora, o aproveitamento acaba sendo muito melhor no que tange a aprendizado e desenvolvimento.
Isto não significa que a qualidade do brinquedo produzido dependa exclusivamente da professora, mas há uma diferença fundamental quando o espaço é bem preparado, os materiais são selecionados de acordo com a faixa etária, ou até mesmo quando as brincadeiras são intercaladas, acontecendo em períodos mais propícios.
Fontana (2000), afirma que o sucesso no processo de ensino aprendizagem está relacionado a interação entre professor e aluno, uma vez que este relacionamento é fundamental para a realização de um bom trabalho. Assim, o professor deve ser um facilitador de aprendizagem, propiciando condições para que as crianças explorem, descubram, interajam e busquem soluções para as situações-problema.
Vasconcelos (1998), também afirma que os professores devem trabalhar a partir das necessidades e realidades de seu público, ou seja, do alunado, para encontrar alternativas e facilitar a aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do desenvolvimento do presente estudo percebe-se que as Artes estão intimamente ligadas ao desenvolvimento humano e a exploração de suas potencialidades, o que corresponde a necessidade de estarem inseridas no universo escolar.
Assim, entende-se que devem estar associadas a todas as disciplinas devido ao caráter lúdico, que possibilita que o aluno exponha seus sentimentos, desenvolva as suas habilidades, crie visão de mundo, interaja, socialize, dentre tantos outros benefícios citados, sendo inclusive comprovadamente associado a melhora do desempenho escolar.
Dentre as inúmeras possibilidades de desenvolver a linguagem artística nos alunos, destaca-se a construção de brinquedos, sobretudo, aqueles que utilizam materiais recicláveis, uma vez que o aluno é beneficiado pelo processo de construção, bem como as músicas, danças, pinturas, desenhos e esculturas, onde a criança expõe seus sentimentos, torna-se mais sensível e passa a ter visão de mundo e criticidade.
Com isso, é importante enfatizar o papel do professor de Artes neste processo, que deve ser de mediador, viabilizando que a criança crie através da organização do espaço, disponibilidade de materiais e auxílio no que for preciso ao longo do processo, mas sempre deixando que torne-se ativa em sua aprendizagem e seja responsável pela sua construção, o que corresponde a um dos objetivos primordiais da educação: formar sujeitos autônomos.

ABSTRACT
It is known that the arts enable the cognitive, emotional and social development of the individual, which justifies the need to be associated with the school context. Among the countless possibilities of working with the arts in schooling is the exploration of artistic knowledge through creation, awareness and perception, as it puts the student as the author of their own learning and this process becomes dynamic, creative and enjoyable. In this sense, the present study aims to explore the different artistic languages in child development. For this, searches were conducted in books and scientific articles in databases such as Scielo and Google Scholar. The development of the study made it possible to highlight that the arts transcend any discipline and even the school environment, being useful for the student’s education as a citizen, as it helps in self-knowledge, expression, socialization, criticality, where different languages can and should be worked on. through music, dance, sculpture, toy making, drawing and painting, allowing the development and evolution of the child itself to become a great art.
KEYWORDS: Arts; Child development; Ludic.

REFERÊNCIAS

BROUGÉRE, Guiles. Brinquedo e Cultura. São Paulo: Cortez Editora, 2006.
CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Cor, Som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança. Porto Alegre: Mediação, 2002.